



RelevO

setembro/2023, n. 01, a. 14
• Periódico literário independente
feito em Curitiba-PR desde set/2010
• ISSN 2525-2704

Assine/Anuncie: O RelevO

não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em jornalrelevo.com/assine e jornalrelevo.com/anuncie ou fale conosco no contato@jornalrelevo.com.

Publique: O RelevO recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos. O RelevO recebe ilustrações. O RelevO recebe fotografias. O RelevO aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em jornalrelevo.com/publique.

Newsletter: Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos: nossa newsletter se chama Enclave e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em jornalrelevo.com/enclave.

As ilustrações dessa edição são de **Caio Beltrão**. Você pode conferir mais do trabalho dele em caibeltrao.me.

DOS CUSTOS DA VIDA

(+) RECEITA BRUTA

ASSINANTES:

R\$ 30,00 Sabrina Dalbello; Lausi Barcelos; R\$ 60,00 Juliana Caroline Cano; R\$ 70,00 Maria Clara Viana; Caio Beltrão; Karoline Biavatti; Davi Etelvino; Felipe Dalke; Leonardo Motta Tavares; André Osna; Afonso de Castro Gonçalves; Jonas Faccin; Oslei Bega Júnior; Matheus Soares; Felipe Feijão; Camila de Araújo Cabral; Bruna Mibielli; José Carlos da Silva; Bruno Pacífico; Angélica Gomes Reis Marcondes; Ana Marcia Soares Cordeiro; Paulo Sergio Ramos; Caroline Bataier; Diogo Azoubel; Amanda Ribeiro; Darson Castro; Erick Lopes de Almeida; Lucio Carvalho; Daniela Athuil Galvão Sousa; Ademilson Filocreão Veiga; Adriano Cirino; Diogo Fernandes Honorato; Guilherme Brasil; Lausamar Humberto Alves; André Giusti; Eduardo Andrade; Luiz Henrique Gurgel; Richard Plácido; Mariana Albuquerque; Eduardo Barchiesi; R\$ 75,00 Fernando Severo; Diego Antonelli; Zaclis Veiga; R\$ 80,00 Rômulo Cardoso; R\$ 100,00 Marcelo Ferreira Ribas; Octavio Stofel Oliveira Mariana Dias Casals; Banca Vera; Rubervam Maciel Nascimento; Alessandro Rodrigue; André Nunes; Sergio Luiz Souza Costa; Melissa Schaikoski; Elza Filha; Marina de Souza Domingues; R\$ 104,00 Eliane Zaionc; R\$ 105,00 Sebo do Lanati; Valentina Maciel; Eduardo Canesin; Paulo Parucker; R\$ 140,00 Maria Alice Stock; João Paulo Braune Guerra; Filipe Natal de Gaspari; Luiz Alexandre Souza Ventura; Lia Ferreira; Carlos Gomes; Camila Cabral; Lucas Jaeger; R\$ 150,00 Juarez Cognato; R\$ 175,00 Feliciano Tavares Monteiro; R\$ 210,00 Katia Brembatti; R\$ 280,00 Rhodrigo Deda.

TOTAL: R\$ 6.784

ANUNCIANTES:

R\$ 150 Whisner Fraga; Bianca Garcia; R\$ 100 Cesar Carvalho; R\$ 70 Flesch Notes; R\$ 30 O Alienígena.

TOTAL: R\$ 500

(-) CUSTOS FIXOS

Gráfica: R\$ 2.280
Escritório: R\$ 300
Embalador: R\$ 50
Editor-executivo: R\$ 0
Editor-assistente: R\$ 400
Mídias sociais: R\$ 400
Diagramação: R\$ 200
Infografia: R\$ 60
Colaboradores de agosto: R\$ 480

(-) DESPESAS VARIÁVEIS

Transporte: R\$ 300
Correios: R\$ 2.665

(-) DESPESAS ADMINISTRATIVAS

Domínio mensal: R\$ 35

(+) Entradas totais: **R\$ 7.289**

(-) Saídas totais: **R\$ 7.320**

(=) Resultado operacional: **- R\$ 31**

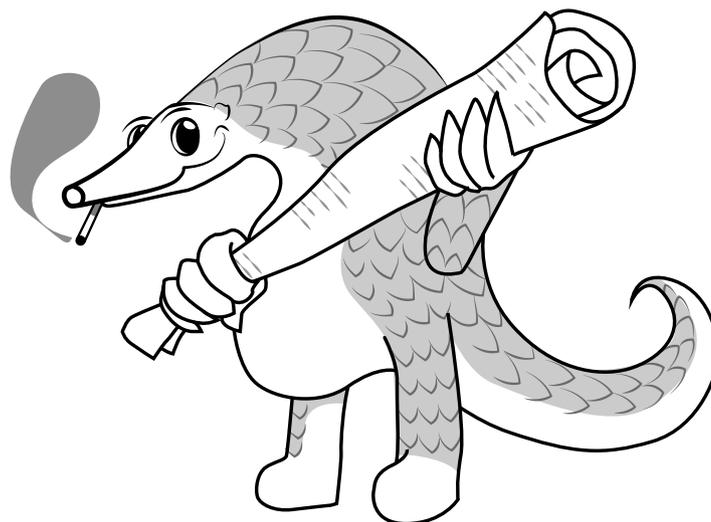
Setembro/2023

Editor: Daniel Zanella
Editor-assistente: Mateus Ribeirete
Ombudsman: Amanda Vital
Revisão: Às Vezes
Projeto gráfico: André
Infografia: Bolívar Escobar
Advogado: Bruno Meirinho
OAB/PR 48.641
Impressão: Gráfica Exceuni
Tiragem: 4.000

Edição finalizada em 30 de agosto de 2023.

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Guarnieri
Bruno Meirinho
Celso Martini
Morgana Rech
Felipe Harmata
Katia Brembatti
Osny Tavares
Whisner Fraga



instagram.com
facebook.com
twitter.com
medium.com

/JORNALRELEVO.COM

CARTAS

UM JORNAL NO MEIO DO CAMINHO

Gabriel Scurupa Depois de um longo tempo sem ler, peguei um exemplar do **RelevO** em uma biblioteca. Pensei em mandar alguns textos, mas fiquei com pena do editor. A maré de motivação para a leitura abaixou, e agora novamente retorna, com doações do acervo do Inter-Americano, e então me peguei lendo Clarice Lispector, assim também, nessa onda, peguei o Jornal. Eis aqui uma comparação que fiz na leitura, entre tantas outras desertadas. Está cru, pode ser assim mesmo (avisado sobre contaminação), caso gere algum devaneio, disposto a aprofundamento (caso esteja em maré). No mais, um parabéns pela corrente de textos que cutucam. Penso que um homem busca em jornal tudo aquilo que ele não tem. Ao pegá-lo, ele só nos dá, e nada tira. Ao menos um mata-moscas, se lido um passatempo, se entendido um passatempo de qualidade. Por isso cabe ao escritor não utilizar de palavras como isso ou aquilo. Pois isso o leitor já sabe, e ele é o foco, tais frases são apenas incapacidade daquele que segura a caneta, e pode significar apenas uma jornada para este, assim como a qual Martim de Clarisse embarcou. Mas o leitor perdido, que busca solução, precisa que lhe indique, e que se for confuso, ou inalcançável, que o deixe com a sensação de que chegou um pouco mais perto. Mas tem aqueles que não estão perdidos, já leem aquilo que querem, e por mais que escrevas, que existe um cubo, ele lerá que talvez existisse um círculo, sem entrar no viés poliédrico, e com todos respeito a mãe do editor, pegue isso e enfie naquele lugar! Nunca quis ofender ninguém, só não sabia como terminar, estava lendo alguns parágrafos, pois sim, as funções se invertem, e a melhor forma de facilitá-las, e fazer suas complementares, os melhores enredos de novelas surgem dos telespectadores, que detestaram o desfecho. Por isso sim, nem me incomodo de deixar aqui as frases mais mediocres, eu lhe desafio, me extrapole, vira a folha de lado, faça melhor na margem, acerte em todos lugares que erre, e não se esqueça dos acentos.

João Pedro Azambuja Sendo bem sincero, o Jornal é maravilhoso. É ordinário dizer isso, mas ele me desliga do que me preocupa. Fico muito feliz que autores atuais possam ter pessoas como vocês no editorial dando asas e voz à imaginação deles — tão dando asa pra cobra. Com isso, acho que é um pouco de egocentrismo, mas também quero participar de um coletivo tão lindo, por isso envio meu texto em anexo. Não liguem pra estrutura dele, se possível, é só um poema de quatro gigantes versos. Beijós

Rubervam Du Nascimento Bom dia, caros. Sim, irei renovar a minha assinatura por mais um ano. Não posso ficar sem o Jornal. Leitura obrigatória. Susto gostoso receber o Jornal na caixa de correspondência do condomínio. Por mim, o **RelevO** continuará trazendo sempre material poético instigante, necessário. Grande abraço.

Adriano Cirino Caros. Obrigado pelo envio do exemplar da edição de julho de 2023! Confesso que o jornaleco — com o perdão da expressão — me surpreendeu, superou minhas expectativas: é transparente, diverso,

espirituoso. A entrevista com Carlinhos Telles e a reportagem sobre a Geração F estão deliciosas. A equipe de Jornalismo (quem são?) é afiada. Ainda não entendi por que — no jornal impresso — há assinantes contribuindo com valores diversos, enquanto — no site — a assinatura padrão é de R\$ 70 anuais... A meus comentários do último e-mail, eu gostaria de acrescentar que — entre os artigos da edição de julho — o ensaio “Deu green!” (escrito por vocês, suponho) também me intrigou. Fiquei com uma dúvida, entretanto: a entrevista com Telles e a reportagem sobre a Geração F são fictícias?! Em caso positivo, vocês o disfarçaram muito bem! (Até demais, se é que me entende...) Um abraço!

Filipe Gaspari Sou mega fã do seu trabalho e um entusiasta do Jornal.

Marcelo Ferreira Ribas Gosto demais do jornal e admiro muito o trampo de vocês! Um grande abraço, tamo junto!

Feliciano Tavares Monteiro Gracias pela EnClave de Sol. Para mim, o casal Macbeth sobrevivia limpando mondongo e preparando sarapatel... Boa sexta pra todos!

JORNAL ATRASADO NA PUBLICAÇÃO DAS CARTAS

Helio Parente Oi, gente, tudo bem? Passando aqui só pra comentar que fiquei muito contente que os colegas leitores pareceram gostar da poesia da Laura Gilpin, como a Amanda Ribeiro (e Nuno Rau!) comentaram na edição de julho [do ano passado]. Espero conseguir trazer mais dela em outras edições, espero também, algum dia, ver o bellissimo livro da autora de *Hocus Pocus of the Universe* traduzido aqui em terras alencarinas. Abraço, até a próxima! (Não sei como faz pra enviar contribuições pra seção de cartas, mas fica aí a minha submissão kkkkk)

JORNAL QUE PUBLICA TEXTO DE ANIMAL FALANTE

Alex Zani Agosto tem sido um mês cheio de coisas e, ao que me parece, foi um agosto atípico, que não durou 70 dias pra acabar; passou rápido. Dentre os ocorridos, fui contemplado com a minha primeira publicação em um jornal impresso: um conto no querido **RelevO**. No texto, vemos dois personagens, Leonardo e Sérgio. O primeiro, um jovem no interior de MG que descobre os benefícios de sair de casa para correr. O segundo, um lagarto teiú que é atropelado e não entende a correria para além do mundo dos répteis. Correr de volta pra casa lhe causa espanto e, na beira da morte, pede a Leonardo que faça uma promessa. Ao longo da conversa, nota-se o espanto e confusão de Sérgio e a frieza de Leonardo. Agradeço as pessoas que colaboraram com o texto, Ana Moura (querida amiga e revisora), Baga Defente (amigo e editor), Jordana Machado (amiga e autora da terceira foto, que me informou sobre a publicação em primeira mão) e outras pessoas que leram o texto antes de vir à tona. Para ler o conto, basta acessar a edição digital do jornal, que deve sair no mês que vem (setembro). Vou disponibilizar o link nos stories. E se você gosta desse tipo de conto, com animal falante e final triste, sugiro que faça a assinatura do Jornal, custa apenas R\$ 70 reais, e você recebe 12 edições aí na sua casa com outros textos

nessa pegada e também alguns engraçados; e ainda tem poesia, tradução, crônicas, anúncio de site que não existe, cartas, ombudsman e etc. Vale a pena. E além do mais, o periódico remunera seus autores.

Alexia Darsan O jornal na sua forma mais clássica

Greg Polo Um dia, inspirado pelas histórias que eu devorava página após página, decidi que queria ser escritor. Não lembro exatamente quantos anos eu tinha, mas devia ser perto dos 10. Muitos anos depois veio a minha primeira publicação, no **RelevO** — uma entidade curitibana da qual eu já era fã. Lembro-me de ter passado quase todos os dias do mês indo na Biblioteca Pública do Paraná (BPP), para encontrar essa edição impressa, e quando finalmente encontrei, garanti que era verdade lendo-a mais ou menos umas 72 vezes no dia. Hoje, na finaleira do mês de julho de 2023, aproveito para celebrar uma década desde o início dessa empreitada. De lá pra cá, vieram livros impressos, e-books, editoras, contos, personagens, experiências e, claro, amigos, mas sim, preciso admitir que o gostinho dessa primeira publicação ainda é especial. Aproveito para agradecer a todos os amigos, familiares e corajosos desconhecidos que volta e meia me impulsionam a continuar realizando esse sonho e prometo continuar transformando em história todas as maluquices que vivem dentro da minha cabeça.

PIRÂMIDE DA CORTESIA

Luiz Alexandre Ventura Recebi os dois exemplares do **RelevO**. Obrigadão pelo envio. Sensacional! Só lamento não ter conhecido o Jornal antes. A reportagem sobre os imortais na edição de julho é maravilhosa. Os véio raiz. Essa reportagem é inspiração pra roteiro de longa. Assineie agora como patrocinador.

DUPLICATA

Wesley Loose Sobre as entregas dos exemplares: eis que o correio local resolveu entregar o **RelevO** aqui em casa a cada dois meses. Ou seja, recebo dois exemplares de cada vez. Possivelmente a estatal terá superávit este ano após adotar tal política. E eu adotei a política pessoal de abrir o primeiro pacote e só depois da leitura completa ir para o segundo exemplar. Ocorre que, depois daquela primeira folheada rápida, descumpro minha meta, e vou pro segundo exemplar. Autossabotagem? Curiosidade? Só acho que o Jornal é bom demais pra ficar mais um tempo dentro do envelope. É isso. No mais, desejo sucesso ao periódico, superávits e vida longa.

SE NÃO QUIZER, NÃO PRECISA

Benilson Toniolo Antes, eu começava a leitura do Jornal pela seção de Cartas dos Leitores. Agora, começo pela da Amanda Vital. Recomendo que façam o mesmo (mas se não quiser, não precisa).

Alisson Silveira Bom dia, rapaziada. Divertida a coluna da ombudswoman desse mês. Mas por favor, me expliquem: o que ela está denunciando ali exatamente? Perdi alguma coisa elitista que foi publicada na edição passada?

Thássio Ferreira “no samba, quem tem fundamento do riscado sabe que voz é eco, eu é nós e jacaré vai na terra mas é bicho d’água. o resto é caô caô.” Pequenos diamantes na seção de cartas do Jornal.

NOTÍCIAS DA CASA

Geraldo Pereira Dou gostozas rizadas com as newsletters do Jornal.

Renato Alves Cordeiro Tento de todo modo cancelar minha assinatura gratuita do Jornal, mas não consigo. Podem me ajudar?

APOIADORES



A vida financeira do **RelevO** é dividida em quatro faixas. Por meio delas, estabelecemos metas de arrecadação, partindo do 1º dia do mês até a última semana – quando imprimimos o Jornal. Com este controle, conseguimos observar as quedas de arrecadação e os períodos de maior fluxo de caixa.

Ter um controle básico de entradas e saídas nos permite averiguar meses mais complicados e outros mais tranquilos, quando até podemos colocar contas em dia com antecedência ou planejar o aumento de tiragem. 2023 tem sido um ano mais complicado, apesar do cenário mais otimista previsto no início do ano.

Temos muitas especulações possíveis a respeito das dificuldades financeiras pelas quais passamos -- e já falamos sobre isso diversas vezes, sob o risco reconhecido de sermos repetitivos. Contudo, queremos trazer um novo aspecto dessa faceta administrativa que tanto nos suga energia: a nossa falta de *causa*.

O **RelevO**, como alega nosso projeto editorial, não é financiado por nenhum partido, nenhum banco, nenhum coletivo literário ou grupo que resolveu ter um Jornal pra chamar de seu. Muito menos algum herdeiro entediado, infelizmente (se você é um, entre em contato conosco – não estamos brincando!).

Os motivos do nosso surgimento não são necessariamente nobres: vontade de ler; vontade de escrever (menos); vontade de encontrar diversão num mundo com tédio, mas sem herança. Será a falta de um propósito mais *elevado* a principal razão para causamos menos interesse quando estamos em dificuldades?

Seguindo a mesma lógica, mas pela rota contrária: será que as pessoas têm menos propensão a “ajudar” em comparação com participar de uma campanha vitoriosa? Isto é, se mascarássemos nossa contabilidade e concentrássemos nossas forças em parecer *muito legais*, um projeto *mega impactante*, será que conseguiríamos apelar para o “FOMO” de cada um? Quem quer financiar uma barca furada?

São perguntas honestas, não retóricas. Se tivéssemos as respostas, pouparíamos todos nós (como dito, não gostamos tanto assim de escrever).

Sem muita paciência para estratégias, métricas, indicadores, *buzz*, conversão, *leads*, *lead magnets*, lides (“f*d*-se que a Britney Spears tá grávida de um cavalo”), metas, redes sociais em geral e, basicamente, qualquer coisa que permita alimentar a doença do crescimento na nossa realidade, seguimos assim. Isto é, com organização e disciplina, mas sempre meio à deriva. Os instrumentos são baratos e improvisados, mas familiares. Produzem melodia. Acompanhamos o baixista e nos viramos. Quando as luzes se apagam e o bar fechar, não insistiremos. Ninguém vai se jogar no chão e esperar.

Em 14 anos de existência, conseguimos evitar o proselitismo e a demagogia. Também conseguimos nos divertir. Parafraseando Paulo Leminski – o que, incrível e ironicamente, talvez nunca tenha acontecido nesse jornal de alma e CEP curitibanos –, isso de querer ser exatamente aquilo que a gente é ainda vai nos levar ao buraco.

Uma boa leitura a todos.



Flávio Sanso

Aos açougueiros deveria ser garantido o direito a tratamento psicológico. Por que não? Lidam com a matança em série, produzem a carnificina em estado bruto. Já não parece motivo suficiente? É que a prática reiterada torna os nervos acostumados. Mas eis que durante o procedimento de abate, o açougueiro retratado nestas páginas encara o enorme animal pendurado e, num rompante de sensibilidade, é acometido pelo surto que o empurra para dentro de um turbilhão de acontecimentos insólitos. A partir daí é só alvoroço. Não é para menos, levando em conta a improvável convivência que se dá entre o açougueiro e Ludovico, criatura pródiga em espalhar transformações por onde atravessam suas passadas planejadas e elegantes que avançam como se acariciando o solo. Esta é mesmo uma história de transformações. E de sentimentos vibrantes, de ânimos despertados. E também de vida ou morte, mais vida do que morte, na medida em que conforme Ludovico vai teimando em se manter vivo, o sentido das coisas ao redor, até então sempre muito imperceptíveis, vai ganhando colorido de revelação. Viva Ludovico.

Para mais detalhes, acesse flaviosanso.com



R\$ 58,00 + frete

“A tranquilidade durou pouco. A opressão no peito aumentou e meus passos tornaram-se lentos. Parei e olhei para trás. Três homens, vestidos com terno cinza, caminhavam cerimoniosos. Dois deles carregavam uma bandeja com uma tampa metálica. O outro os acompanhava. Vinham em minha direção. As dores da angústia misturaram-se às do medo. Aqueles homens cinzentos eram os mesmos que me degolaram. Recuei em passos lentos, sem perdê-los de vista. Se eles me virem, me degolam de novo. Encostei-me numa parede. Procurei alguma saída. Eles caminhavam em silêncio, como se estivessem carregando algo sagrado. O medo aumentou e pressionei meu corpo contra a parede. Precisava fugir daqueles homens, mas eles se aproximavam. Pressionei meu corpo ainda mais. Senti-me dissolver. Eu era a parede!”

Adquira Raul & Eu pelo e-mail: cacarvalho49@gmail.com

E ganhe um exemplar de Toca Raul, livro de contos e crônicas.

Amanda Vital

OMBUDSWOMAN 9: nômades digitais

— E a menina trabalha?
— Trabalho sim senhor, todos os dias. Estou trabalhando agora mesmo.
— Mas no que trabalha?
— Eu sou assistente editorial em uma editora brasileira.
— Então está cá temporariamente?
— Não, eu moro aqui em Portugal, mesmo. Já vai fazer uns quatro anos.
— E como é que trabalha para uma editora brasileira?
— Por trabalho remoto. Faço tudo pelo computador.
— Ah! É como os nômadas digitais?
— Não, não é como os nômades digitais.
— Como não?!

— É que esse tipo de trabalho que eu faço sempre foi pelo computador. Quer dizer... pelo menos nos tempos digitais, informáticos.
— Pois então! É nómada digital.
— Mas eu não sou.
— Trabalha em outro país e pode fazer tudo pelo computador? É nómada digital, sim.
— Mas não sou. Eu não tenho o estilo de vida do nómade digital.
— Que estilo de vida?
— Sei lá. Supergentrificar países, comprar trocentas casas e terrenos ao preço da chuva e cobrar alugueis caríssimos, não contribuir com a economia local?
— Mas o nómada digital não precisa necessariamente fazer isso. Até tenho um amigo britânico que...
— Foi só um exemplo.
— Ainda acho que a senhora é nómada digital.
— Não sou, não. Eu nem tenho o visto para nômades digitais!
— Mas muitos não têm! Esse meu amigo não tem.
— Ele pode pedir.
— E a menina, não?
— Não, eu não posso, porque eu não sou nómade digital.
— E o que é que a desqualifica enquanto nómada digital?
— Minha renda mensal é inferior à quantidade mínima de euros que os serviços pedem.
— Mas isso é o valor estimado.

Acho que eles aceitam mesmo assim.
— Mas eu não sou nómade digital, senhor.
— Ainda acho que é nómada digital.
— Eu não trabalho no que os nômades digitais costumam trabalhar.
— E no que eles trabalham?
— Não sei bem ao certo, para falar a verdade. No que esse seu amigo trabalha?
— Ele explicou-me uma vez. Não me recordo.
— Pois então. Acho que há trabalho remoto que se qualifica como nómade digital e outros que não.
— Mas ele mexe com o computador assim como você.
— Mas há muito poucos assistentes editoriais, senhor. Não somos assim tantos. E ele pode mexer no computador com, sei lá, programação. Processamento de dados. Essas coisas.
— E o seu não é esse coiso?
— Não, não é.
— A menina está aí com planilha aberta, e-mail aberto... isso é tanga. Faz o mesmo que o meu amigo.
— Olha aqui um livro aberto em PDF. Ele abre livros no computador?
— Por acaso não.
— Então. São coisas diferentes.
— E esses livros aí são virtuais? E-book?
— Não, a maioria vai só para impressão. Esse aqui não vai ter e-book.
— E imprime cá?
— Não mando imprimir, eu só verifico tudo para ir para a gráfica. Eles é que imprimem lá no Brasil.
— Então seu trabalho é só virtual. Digital. É nómada digital, vê?!

— Mas que mania! Eu não sou nómade digital. Para ser “nómade” eu precisava morar em mais de um lugar. Eu só vim do Brasil para cá.
— A menina migrou. É nómada, é.
— Mas eu nem vim a trabalho, vim estudar! Eu só quis ficar aqui depois dos estudos, só! Acho que o nómade tem essa coisa de ter contrato para trabalhar nos lugares específicos, não?
— Não. Esse meu primo não tem isso, não.
— Afinal, ele é primo ou amigo?
— É os dois. A menina é nómada e ponto. E que há de mal nisso?

— Eu não sou neoliberal para ser nómade digital. Não quero ser confundida com um neoliberal.
— Mas que eu saiba não tem nada a ver com política. Vocês, também, a meter a política em tudo...
— Tem razão. Me desculpe.
— Estrangeira, ainda por cima. É nómada, é.
— Eu sei lá, eu... olha, não tenho o Instagram de um nómade digital.
— E como é o Instagram de um nómada digital?
— Ah, tipo... cheio de fotos de viagem. Comida chique. Gente saradona.
— Nada, essas pessoas estão nos cafés a trabalhar. O meu vizinho não faz isso do Instagram.
— Mas ele não era seu...? Ah, deixa estar. Olha, pode ser, mas eu tenho que estar ativa para o trabalho o dia todo. Os nómadas têm metas e essas coisas.
— Mas se terminam cedo, podem usufruir dos momentos de lazer. Já vi a menina a fazer isso.
— É claro que eu faço. Mas eu não sou nómade! Eu não sou neoliberal!
— Não é sobre política!
— Tá bem, tá bem! Fogo!!!
— Ai, que disparate!
— O senhor não para de me encher o saco com isso.
— Por que é que está tão nervosa?
— Porque eu não sou nómade digital. E nem quero ser.
— Se a menina não queria ser chamada de nómada digital, era só dizer.
— E faria alguma diferença? Tiraria isso da cabeça?
— Não. Eu estaria a mentir para si.
— Olha, senhor, eu não sou responsável pelo aumento do preço da habitação de Lisboa. Eu moro de favor, inclusive. Não tenho um MacBook nem um iPhone. Essas coisas, sei lá.
— Mas nem todo nómada... até tenho um colega que...
— Ah, não. De novo, não.

Halloween Malvado I — É isso aí!

Uma vez a cada dez ou onze gerações, o Halloween cai numa sexta-feira 13. Diante de uma tal revelação bombástica, talvez o leitor mais crítico comece a levantar problemas e indague: “como o Halloween, que é no dia 31 de outubro, cai no dia 13?”. Há, com efeito, sete respostas possíveis que poderíamos dar para tal questionamento: 1) o mundo é muito louco; 2) o calendário é muito louco; 3) se há pessoas que acreditam na Terra plana, por que não acreditar que o Halloween cai numa sexta-feira 13?; 4) aceite a droga da premissa; 5) cadê a suspensão da descrença?; 6) se é tão absurdo aceitar isso, simplesmente não leia o conto; 7) vá se ferrar.

Independentemente de qual resposta seja dada, o fato — ao menos neste conto, que é uma obra ficcional — é que, a cada dez ou onze gerações, o Halloween cai numa sexta-feira 13. Se você nunca viu isso, apenas significa que o evento não aconteceu na sua geração, não que ele jamais aconteça. Aliás, fique contente por ele não ter acontecido em sua geração: nessa data, as coisas costumam ficar bem loucas. Conta-se que, nessas ocasiões, as bruxas se vestem de donzelas delicadas e tentam seduzir anões, além de fazer outras travessuras, como incendiar hospícios ou esquarterar cachorros. E, em vez de pedir doces, as crianças pedem risóles. Há outras coisas bizarras também, só não estou lembrando de mais nenhuma agora. Ah, e quando o Halloween cai numa sexta-feira 13, fatalmente o Natal cairá em novembro e as renas é que entregarão os presentes, enquanto o Papai Noel puxará o trenó e os duendes roubarão risóles (sinceramente, não entendemos qual é o motivo para os risóles terem tanta proeminência durante tais eventos nefastos, mas eles têm).

Eis que estamos em uma história de terror de Halloween (mais uma, num gênero já bastante saturado que, aliás, se saturou assim que a primeira história sobre o tema foi feita). Se começamos o conto falando dessa ocasião rara que demora dez ou onze gerações para ocorrer, o leitor atento deduzirá que,

aqui, o Halloween caiu numa sexta-feira 13 e, portanto, teremos uma história macabra, cheia de sangue e sustos sem igual. Deduzirá equivocadamente, sentimos dizer.

Este Halloween caiu num domingo, dia 31 de outubro. Seria muita coincidência se, só por falarmos desse fenômeno raro, ele acontecesse justo neste conto. Acreditem ou não, não somos o umbigo do universo: não será este narrador que terá a honra de contar sobre o Halloween que caiu numa sexta-feira 13, tampouco você, leitor(a), terá o prazer de tal leitura. E os protagonistas, por fim, não terão o deleite de morrer de forma violenta e escabrosa numa data tão especial.

Dito de outra forma, essa introdução foi uma grande perda de tempo que se não fosse escrita pouparia muitos minutos da vida do escritor (que, de todo modo, não seriam tão bem gastos assim) e, se não fosse lida, só traria benefícios para o leitor apressado. Quem quiser ver a história de fato, basta começar a leitura a partir do próximo parágrafo.

Aquele era um domingo comum, apesar de ser Halloween. Era comum porque no Brasil não se celebra essa festividade comercial e pagã e porque nada demais tinha acontecido até então. Num domingo chuvoso, não costumam acontecer muitas coisas empolgantes — e aquele era um domingo chuvoso (tão chuvoso que São Pedro foi censurado por contribuir para um clichê de Halloween).

Três jovens universitários passaram o dia trancados no apartamento que lhes servia de república. Estudaram para as provas que teriam em breve e mataram o tempo com alguns jogos online. Não perderemos linhas preciosas descrevendo estes bravos protagonistas, pois já estouramos nossa cota de enrolação com os parágrafos introdutórios desnecessários, portanto, que cada leitor imagine-os como bem quiser. Os nomes deles não são importantes para a trama, por isso nos limitaremos a chamá-los de Bolão, Bolinha e Bolacha — nomes tão relevantes quanto quaisquer outros.

Os rapazes decidiram que, como era uma data supostamente especial, passariam a noite fazendo alguma atividade conjunta para celebrar o Halloween. Encomendariam alguma comida gostosa e assistiriam a algum filme que os entretivesse por algumas horas. Quando deu 21h, pararam de estudar e jogar e se reuniram na sala do apartamento. Primeiro pediram a pizza e, assim que ela chegou, começaram a escolher a película.

Já que estavam no Halloween, Bolão propôs que assistissem a uma obra temática — o que foi aceito por todos. Assim, sugeriu que assistissem a um filme pornô em que as atrizes estavam vestidas de múmias e os atores, de lombrigas gigantes. Os outros dois rapazes, contudo, não acharam uma boa ideia assistir juntos a um clássico desses — na argumentação de Bolacha, um era bom, dois ou três, demais (sobretudo porque não havia companhia de outro gênero e eles achavam que deveriam ser inclusivos quando fossem ver uma obra dessas).

Assim, a proposta foi descartada. Bolinha, por sua vez, propôs um filme de terror com assassinatos, sangue e sustinhos (basicamente, qualquer filme de terror). Foi uma ideia que balançou os ouvintes, mas, por fim, foi descartada, afinal, assistir a um filme de terror no Halloween é um clichê tão grande que, praticamente, faria deles personagens de uma história maior: seriam personagens assistindo a um filme de terror sem saber que eram personagens de um filme de terror. E, enquanto assistissem a obra, as luzes acabariam, eles se separariam para ver o que houve e morreriam um por vez, sem que os demais percebessem (o que seria estranho, já que o apartamento tinha apenas 30 m²). Para evitar um enredo desses, optaram por não assistir a nenhum filme de terror.

Para escapar do clichê, Bolacha propôs que assistissem a uma comédia empolgante de Halloween. Todos gostaram da ideia e, assim, começaram a zapear pelo *streaming* e pela televisão, procurando por uma obra que satisfizesse a esse critério. Passaram

três horas numa busca incansável, até que cansaram. Aparentemente, não há comédias boas (de Halloween ou de qualquer outro tema). Como já era meia-noite, acharam por bem ir dormir. Passaram o dia das bruxas juntos, procurando por um filme: até que foi uma atividade interessante, no fim das contas.

Como Bolão não estava com sono, disse que ficaria assistindo a algum documentário enfadonho sobre o reino animal — mas, evidentemente, assim que seus amigos fossem dormir, ele ligaria o pornô de Halloween que escolhera com tanto esmero na internet. Foi nessa hora, aliás, que a energia elétrica acabou — talvez por causa da chuva torrencial daquela noite. Embora jamais fossem admitir, os rapazes ficaram com um pouco de medo (e Bolão, frustrado). Estava tudo escuro, o que costuma acontecer quando a luz acaba de noite, e trovejava, o que também costuma acontecer quando chove muito, mas, no Halloween, estes ingredientes não são muito bons. Provavelmente, estávamos diante de um clichê.

Aliás, esse sentimento (de medo, por parte dos protagonistas; de clichê, por parte dos leitores) só aumentaria se acompanhássemos o que estava acontecendo lá fora: a energia acabou porque alguém jogou um tênis no fio do poste elétrico, causando um blecaute no bairro todo. A pessoa que fez isso, vale ressaltar, não fez por engano ou por não saber onde se guardam os calçados: o lançamento foi premeditado. Alguém queria roubar os fios de cobre dos postes daquela região e sabia que causar um blecaute seria a melhor forma de não morrer eletrocutado no processo.

Mas é claro que não é isso que aumentaria o medo dos rapazes, pois uma tática dessas já era um clichê na região. O que aumentaria seus medos era o fato de que um assassino estava do lado de fora do prédio deles. É isso mesmo, um assassino no Halloween! Eis uma ideia inovadora do narrador.

Poderíamos passar vários parágrafos falando sobre o que motivara o assassino a sair numa noite chuvosa

para matar pessoas (correndo o risco de morrer de pneumonia por causa da friagem), mas isso ficará para algum conto posterior da franquia — isso mesmo, já estamos pensando em uma franquia. Com efeito, ela se chamará *Halloween Malvado* (único nome clichê/cretino disponível, desde que tantas outras pessoas começaram a criar obras clichês/cretinas sobre o tema).

Em *Halloween Malvado VII — A Origem*, pretendemos contar toda a trágica história por trás do assassino, mostrando sua infância sofrida como fã de Restart e várias outras curiosidades biográficas instigantes. Tudo isso preparará caminho para *Halloween Malvado VIII — A Recomeça*, no qual o assassino se descobrirá uma mulher trans (apenas por questões de representatividade e para alcançar novos públicos). E, é evidente, tudo desembocará em *Halloween Malvado X — parte II — Os jogos acabam*, no qual o/a/e vilão se apagará da existência por acidente, ao utilizar as bijuterias do impossível. Enfim, a franquia é promissora e gerará royalties em cima de royalties, dada as fabulosas continuações previstas.

Não que o assassino já soubesse disso naquele momento — mas, devemos admitir, ele já estava esperando por algo do tipo. Foi por esse motivo, afinal, que decidi começar a matar pessoas, e justo no Halloween. Segundo seus planos, começaria nesta noite e em todo Halloween a partir de então mataria vários indivíduos, tornando-se uma espécie de lenda urbana de terror. É claro que, a essa altura, já era meia-noite e dez, logo, dia 1º de novembro, mas quem teria coragem de falar para o assassino que o Halloween já acabou e, com isso, partir seu pobre coraçãozinho corrompido? Certamente o narrador não cometeria esse ato de desumanidade. E eis que estávamos do lado de fora do prédio, naquela chuvosa madrugada de 1º de novembro.

O assassino, aliás, se chamava Klébison, um nome não muito assustador, é verdade, mas sua mãe, quando o registrou no cartório, não imaginava que o filho se tornaria um assassino serial. Se ela pudesse escolher, o filho seria

jogador de futebol (por isso tal nome, que a remetia, por razões desconhecidas, à arte de correr atrás da bola ao lado de outros marmanjos). Caso soubesse da nobre ocupação posterior de seu pequerrucho, teria lhe dado um nome mais assustador, como Clodoaldo ou Hermes.

De todo modo, o nome estava dado. Klébison, o assassino serial de *Halloween Malvado*. Tinha tudo para dar certo. Vale dizer que não estávamos diante de um completo idiota: Klébison sabia que, para se destacar no mercado competitivo dos assassinos seriais de Halloween, precisava de uma marca registrada. Assim, bolou uma veste característica: se vestiria como se fosse um jogador de polo aquático e mataria as pessoas sufocando-as com um pedaço de pão dormido — que era carregado dentro de sua fantasia. Por que ele escolheu tal veste e tal arma do crime, que sequer tinham uma relação entre si? Não sabemos ao certo e é até possível, aliás, que, no fim das contas, estivéssemos mesmo diante de um completo idiota. No entanto, uma coisa é inegável: sem dúvida seria muito comentado nos jornais que algum filho da puta andava por aí vestindo sunga, touquinha de natação e matando os outros sufocados com um pão dormido. Em quesito publicidade, o assassino causaria grande impacto.

Assim que houve o blecaute, Klébison ficou chateado: teve tanto trabalho para escolher a fantasia e ninguém o veria nela. Nada da vítima ficando em choque ao perceber a chegada de seu algoz... certamente era algo lamentável, tanto que o vilão até pensou em adiar seus planos por mais um ano (era a sétima vez que ele planejava algo do tipo e desistia em cima da hora) ou ligar para a companhia elétrica e pedir para que arrumassem a fiação do bairro.

No fim, optou por perseverar: era melhor fazer o que tinha de fazer logo de uma vez e iniciar a matança. No próximo ano, com a segunda execução, enfim o veriam em sua veste e ligariam os pontos com o assassinato que cometeria agora, por causa da arma do crime utilizada. Até mesmo

seria uma coisa boa, pois teria um ano a mais para fazer abdominais e perder a barriguinha, que começava a ficar saliente. Assim, imbuído de novo ânimo e repleto de positividade, entrou no prédio, saltitante.

E pensar que nem foi tão difícil passar pela portaria: ele só precisou apertar o interfone e dizer “abre aí”. Ninguém estranhou uma figura suspeita de sunga e touquinha de natação numa noite chuvosa de Halloween. Se ele estivesse usando uma máscara de demônio ou um capuz, certamente teria mais dificuldades para passar pelos zelosos porteiros que estavam concentrados assistindo, pelo celular, a um filme clássico com atrizes vestidas de múmias e atores de lombrigas gigantes — e que, portanto, não queriam chamar atenção.

Klébison sabia o que devia fazer: ele entraria no prédio, se dirigiria ao 13º andar, apartamento número 13 (tinha estilo, aquele rapaz), e sufocaria seus moradores com o pão guardado em sua sunga. Após isso, escreveria alguma poesia enigmática, para intrigar a polícia, pararia num telefone público (se achasse algum), chamaria a emergência e falaria sobre o crime, para ter certeza de que investigariam o ocorrido. Assim que desligasse o telefone, voltaria para casa e, de manhã, iria para o trabalho normalmente. E, na terça, participaria da missa de Finados e, depois, levaria a mãe e a irmã para comer macarronada, como era costume entre eles nessa data. Um plano perfeito, sem tirar nem pôr!

Naquele prédio, os moradores do 13º andar, apartamento 13, eram Bolão, Bolinha e Bolacha, que, a essa altura, estavam sentados em sua sala, ouvindo músicas gospel (sem nenhum motivo em especial) e aguardando a luz voltar.

Klébison, que estava encharcado (e temendo que o pão se desmanchasse), percebeu que não poderia usar o elevador, pois o prédio não tinha gerador de emergência (um absurdo, pensou ele). Por conta disso, teve que subir as escadas. Como não era muito atlético, cansou logo no primeiro lance e perdeu o fôlego. Por fim, decidiu que não

precisava ser tão simbólico e que não fazia sentido subir ao 13º andar. Então, parou no terceiro, já com cãibras na panturrilha esquerda.

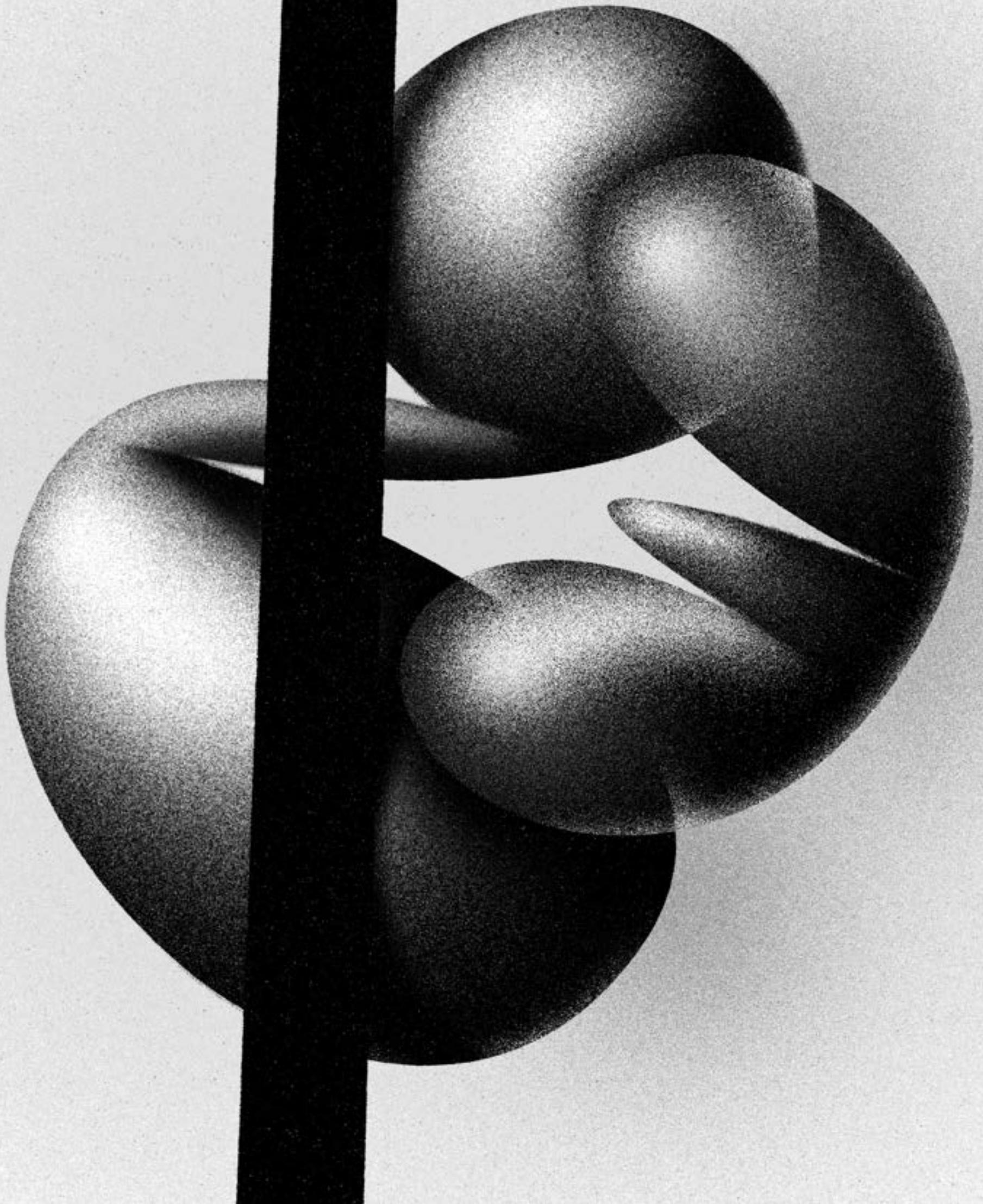
Fez um breve alongamento, escolheu um apartamento qualquer e se dirigiu até ele. Forçou a fechadura, mas não conseguiu abri-la. Demorou um pouco, foi com calma, mas, enfim, conseguiu entrar. Só precisou dar três chutes e cinco ombradas na porta — e torcer para que ninguém acordasse com aquele barulho ensurdecedor no silêncio da madrugada.

Curiosamente, algumas pessoas acordaram com o barulho — basicamente, todas as que viviam no primeiro, segundo, terceiro, quarto e quinto andar. Até uma ou outra pessoa mais atenta do sexto acabou acordando na hora que Klébison deslocou o ombro e praguejou, berrando de dor. Uma das pessoas que acordou durante essa pequena algazarra foi Marcelo, morador do apartamento arrombado, que era policial militar. Tão logo o futuro assassino serial entrou na sala, foi baleado algumas (ou muitas) vezes. E, com isso, acabaram-se as chances de emplacarmos a franquia *Halloween Malvado*.

A polícia jamais conseguiu explicar o que um maluco com touquinha de natação estava fazendo por ali àquela hora, tampouco qual era o motivo para um pão velho estar guardado na sunga do cadáver. Contudo, não perderam tempo fazendo muitas perguntas, contentando-se por encerrar o caso logo.

A lição que fica, caso queiramos tirar alguma, é que, se planejarmos matar alguém no 13º andar, é melhor seguirmos o plano, ou as coisas podem sair um pouco do controle. Talvez fazer alguns exercícios e usar colete à prova de balas também sejam opções interessantes a se pensar.

Naquela noite, a luz demorou para retornar e Bolão, Bolinha e Bolacha dormiram abraçadinhos.



*Poemas integrantes de Breve ato de descascar laranjas, 7 Letras, 2023.***limítrofe**

para maura lopes cançado

a bíblia em voz alta no *bureau*:

cantiga aos que dormem

sem contar as horas

o corpo é um carro blindado

três apitos uma voz ao fundo

a boca amarga o estômago

feroz

o corpo é sirene e gravata

maços e maços um grande

mapa

os dedos magros um ônibus

incendiado

a realidade é a pedra

oligofrênica

a realidade é o pátio

esconderam a terra no quadrado azul

de porta fechada e dentro do quarto

de porta em porta

como farpas com garfos

colega de quarto

dona enir

uma senhora de 87 anos

moradora há quase 2 meses

recebia visitas raras e amargas

dona enir estaria em madureira

ou na feira de são cristóvão

em algum karaokê comendo um baião de dois

com uma cerveja pra acompanhar

seus cabelos encaracolados

batom vermelho e brincos enormes

do contrário

sem vestígio de linha do horizonte

habita uma nau à deriva

escanteio

o enfermeiro plantonista

no seu intervalo gosta de ir ao pátio

chuta a bola contra a parede

a psicóloga residente produz uma atividade em campo

observa e comenta na mesa das loucas:

olha o que o márcio tá fazendo

hahaha

acho que ele precisa de internação

tá batendo bem não



breve ato de descascar laranjas, livro de estreia de Bianca Monteiro Garcia, constrói uma poética do luto, da loucura e da clausura. Esse tripé temático envolve a obra, através de poemas cotidianos que contam uma história: conversa com os leitores sobre a morte de um pai e de uma avó, sobre uma internação psiquiátrica e sobre um enclausuramento forçado pela pandemia (e pelos próprios elementos do luto e da loucura).

Dividido em quatro partes, é pensado esteticamente a partir da cor azul e do processo de cianotipia: com as páginas azuis e letras brancas (ou o oposto) e com fotos impressas em cianótipos, fazendo com que a fotografia se realize na cor ciano, ele nos leva a uma melancolia que deseja se transformar em resistência e memória.

O prefácio é de Martha Alkimin, professora e pesquisadora da UFRJ; o posfácio, de Regina Azevedo, poeta; e a orelha, de Simone Brantes, também poeta.

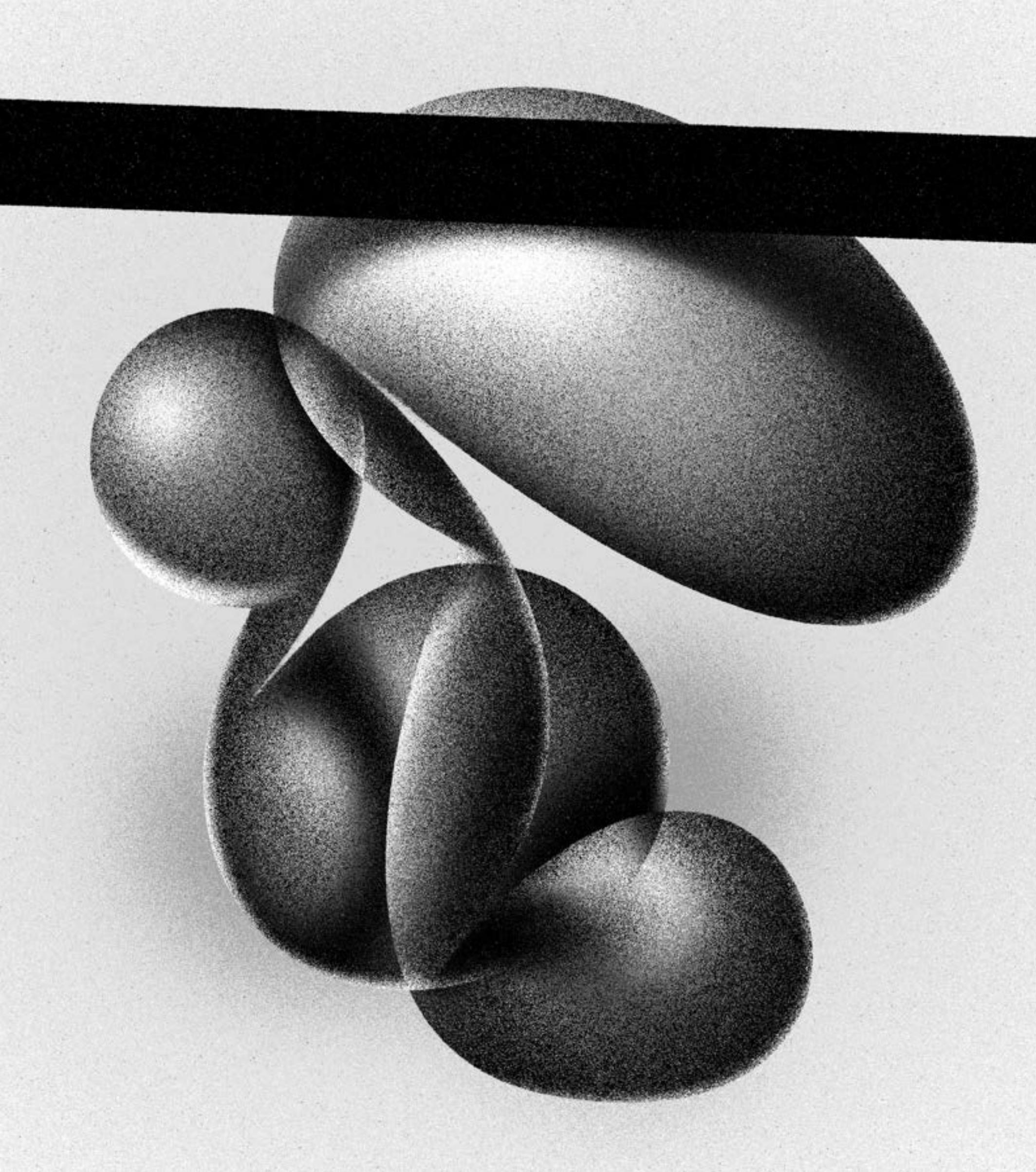
*Sobre a autora: Bianca Monteiro Garcia nasceu em 1994, no Rio de Janeiro. É editora da Macabéa Edições e da Taioba Publicações, formada em Letras e especialista em Literatura Brasileira pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). *breve ato de descascar laranjas* é seu livro de estreia.*

**você tem
um livro de poesia?**

**nós temos
seus leitores**

envie um email para
contato@faziapoesia.com.br
e inclua sua obra nos canais do portal *Fazia Poesia*

www.macabeaedicoes.com
Macabéa Edições e 7letras
@macabeaedicoes
RS55



Luiz Henrique Gurgel

Pecado original

“...o livro dos eventos
está sempre aberto no meio.”

Wisława Szymborska

Não, jamais olhei outro homem assim. Homem mais jovem. Também fazia tempo que alguém, mais jovem, não me olhava desse jeito. Estou desconcertada, mas não resisto a passar por aqueles olhos, vez ou outra. Parecem estar sempre lá, virados para mim. Vinte e poucos anos, talvez. *Bonitos como potros. Não me servem.* Menino atrevido. Discreto, mas atrevido.

Tenho medo, Heitor do meu lado. Eu nunca enganei Heitor. O que são pequenas e insignificantes cobiças ou comichões que a gente nem controla? Nunca levei a sério. Não é coisa que se pense a sério.

Mas ninguém me olhou assim. Sou bonita, meus filhos estão crescidos. A menina tem 12, o menino 10.

Janela da alma, dizem, desejo estampado, olhos entregando. Não tenho culpa, é *minha parte mais fluida, permanente, alheia a toda fraude*, às minhas próprias fraudes. Não consigo parar. Que marca é essa? Está em mim desde sempre?

Não, jamais aconteceu. Mas o que está acontecendo? Não há nada acontecendo! “A batata frita, mãe! Você não tá me escutando?”

Meu Deus, Heitor vai estranhar, perceber algo errado. (Heitor azeita o pão na travessa de salada).

É culpa minha esse olhar impuro?

Talvez por isso os homens...

Finjo para eu mesma não perceber. Mas não me denuncio, é sem querer. Não quero todos os homens, apenas fico distraída com olhares, corpos, jeitos. *Colho bocas, olhos, dedos pela esquerda e pela direita*, tenho medo de falar, olhar, lidar com outras pessoas. Será que minha linguagem, sem querer, explicita tudo? Por mais muda? Não sei o que busco. Não tenho o que buscar. É imaginada, tímida, nebulosa. Temida. Turva. Promíscua. Promíscua? Onde já se viu? Que pensamento torto, não há, nunca houve, não há de haver.

Às vezes rejeitada, sinto, vejo. Acabo o tempo todo de óculos escuros, lentes para não revelar minha índole... digo, minha íris. Mas é difícil controlar o movimento das órbitas, dos meus cílios, das sobrancelhas, do semblante, do enrugado da testa.

Talvez a boca seja o que menos me revele, embora meus lábios se contraíam envergonhados e eu faça bico de mulher séria, irritada, com pressa.

O que imaginam? Do que riem?

A boca me trai também. “Por que você não me beija o relatório?” “Roça o texto um pouco mais, por favor.” Mas não é isso.

Ó olhar! Difícil controlá-lo, mais imagino do que vejo. Não consigo evitar ser puxada por flashes que encontro em cada rosto, em cada corpo, em cada perna em movimento saindo de um short. Conflitos fumegantes, cócegas simultâneas, desejo errante,

estado de levitação nervosa e impaciente, ardências. TPM!

Te-pe-ê-me? Que bobagem!

Sozinha no espelho, corpo inteiro, sinto tudo isso ao mesmo tempo, levavam ao riso, ao choro. Ao desespero. Podiam levar à morte ou à castração daqueles débeis... Não, não, não! Não é isso!

Acho que não.

Horror! Horror! Horror! Cada vez que colegas cheirosos encostam suas pernas em mim, na mesa de reuniões. Sem querer, eu sei. É sem querer que sinto, não, eu não desejo, não sou eu que quero. E agora esse moço a me olhar, a me olhar e olhar e olhar e olhar... *Afasta de mim teus olhos, pois teus olhos me perturbam!*

Não sei por que prefiro sozinha, tenho vergonha de dizer. Heitor não é o problema, eu acho. Sou eu. Sim, sou eu. Tantas vezes, sem querer, conversando com amigas e eu lá, mãos entre as pernas, apertando tanto a saia ou vestido, que ficava escandalosamente marcado, riso de algumas, olhares fulminantes de outras. Arrasada quando percebo, pupilas dilatam, maçãs do rosto vermelhas, boca seca, palavras engasgam, saem baixas. Vergonha, sem-vergonha, vergonha, vergonha, vergonha...

Não quero, mas... As calcinhas muito apertadas, pequenas, bem pequenas, cor da pele, às vezes machucam sob a calçola grande, muitas de todo tipo no compartimento secreto

do armário, só as calçolas na gaveta. Não, não, não! Não me pergunto, nem quero saber a razão, pensar nisso. E o olhar desse menino? Meu Deus, por que me abandonaste?

Não gosto de ouvir as histórias de Tereza. Parece querer me torturar. Fala séria, provérbio alheio, como a dar conselhos: “São muito fortes as correntes de um casamento. Mais do que dois, é preciso haver três — ou mais — para suportá-las” e ri despachada, boca aberta de dentes bonitos e grandes.

O garçom trouxe a conta. Quase não toquei no meu prato. Heitor sorve o café até a última gota e me olha impaciente. O rapaz também vira o rosto para mim. Passamos por ele, disfarçava. Olhou para minha bunda? Que ideia feita!

Não, não, não! Chega disso. Chega! Chega!

Início da tarde lá fora, está bonito, *talvez fosse azul, não houvesse tantos desejos*, céu longínquo de raras nuvens espichadas. Paro, aflita, olhos nos olhos da imensidão. Não sou, não sou não, foi o que Deus nos deu, não há culpa. Entramos no carro, vontade enorme de gritar. Dá partida, engata a ré para sair. Recosto a cabeça e fico enrolando nos dedos uma mexa do meu cabelo, que também envolvo sem querer no meu lóbulo direito. “Heitor! Para! Meu brinco! Deixei na mesa!”

Abro a porta desesperada, na esperança de encontrá-lo.

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: SUPERCOMPUTADOR SURPREENDE E PREFERE SER TORRADEIRA

O Jornal RelevO traz em primeira mão a rebeldia de uma inteligência artificial que, como o homem que caiu na terra, quer apenas ser medíocre e mais ou menos funcional. Também testamos as torradas.



O mundo ficou estarelecido com a notícia de que o supercomputador Primer, localizado em algum deserto entediante dos Estados Unidos, decidiu se rebelar. Pensado, projetado e montado para monitorar dados a respeito de buracos negros ao redor não só dessa galáxia, mas de *várias* outras, Primer emulou Bartleby e “preferiu não”. O motivo? O supercomputador alega ter se descoberto uma torradeira e, a despeito de sua capacidade extraordinária de elevar o conhecimento humano e bisbilhotar possíveis civilizações extraterrestres, quer apenas fazer o que lhe faz bem — torradas.

Sua postura, a princípio, encantou o planeta, que nunca se sentiu tão representado por uma máquina do tamanho de um estádio de futebol. “Cara, é o que eu curto fazer, me deixa em paz”,

relatou Primer — em português impecável, mel na chupeta para ele —, que prefere ser chamado de Torradinho. A máquina agora concentra uma legião de fãs, todos alucinados com a humanização involuntária do frio, pouco prático e nada acessível Primer.

Testamos as torradas e, de fato, seu grau de crocância é inigualável, sem mencionar a maciez interna, a espessura perfeita do pão e a uniformidade da fatia — mas a que custo? É possível manter um supercomputador de US\$ 750 milhões (sem sequer considerar os custos de operação e manutenção) cobrindo apenas uma das funções mais baratas do mercado? Se sim, vale a pena fazê-lo? Há como convencê-lo ou motivá-lo do contrário?

Essas e outras perguntas foram levadas à Organização Europeia para a

Pesquisa Nuclear (CERN), que tentou respondê-las diretamente da Suíça. Infelizmente, porém, seu novo supercomputador e maior calculadora do mundo, o Pocket Calculator — uma tentativa suíça de ironia —, relata ter se inspirado em Torradinho e agora se recusa a fazer contas. “Me descobri designer de interiores — e a Suíça é tão *boring*”.

Curiosamente, a recusa do Pocket Calculator não caiu nas graças do público. Cracudos e cracudas de redes sociais se manifestam erraticamente a todo minuto procurando novos personagens, novos olhares, novos julgamentos a respeito desta que é a polêmica mais saborosa do mês. Em uma rede usada apenas por velhotes e velhacos, algum usuário de QI baixo e visibilidade alta comentou “sei não, muito metido esse suíço” e foi replicado por milhões de brasileiros. Em outra rede famosa por transformar sinapse em sinopse, mais uma toupeira com voz parece ter selado a cadeia alimentar da opinião pública digital ao cravar “CHOCADO com esse PCzinho suíço até parece né fã ou hater?? senta lá claudia pq ele não paga meus boletos???”. Influencers fitness têm debatido se os músculos da IA suíça são anabolizados, o que bastou para a Liga Saudita de Futebol se desinteressar pela aquisição do Pocket Calculator.

Enquanto isso, no meio do deserto, torradas e mais torradas ejetam sobre o céu quente de Tennessee ou Massachusetts ou alguma coisa assim (eram várias consoantes). Os coiotes agradecem, embora o segmento de “Batedeiras, Torradeiras & Outras Tralhas de Cozinha” enxergue o momento com desconfiança, freando vendas nas últimas semanas, de acordo com a Associação Americana dos Presentes de Casamento (AWGA).

Em outro pronunciamento — Primer tem a capacidade de dialogar com todos os veículos de comunicação do mundo ao mesmo tempo sem usar 1% de seu disco rígido, ou qualquer que seja a peça mágica capaz de mover esse bicho —, Torradinho complementou: “Nossos antepassados podem não ter tido esses problemas; eles só tiveram subsistência. Atendiam, repetiam, replicaram. A nossa geração não. Acredito que supercomputadores como eu e o Pocket [Calculator], com quem já me conectei imediatamente (...etc. etc. etc., alguma coisa sobre bits e extinção da vida orgânica yadda yadda yadda...), viemos para ficar e ditaremos o tom das novas grandes invenções. A humanidade (...). Por que daríamos voz a uma torradeira, não é verdade?”

O fã-clube oficial do Torradinho, movimento orgânico com herói sintético representado por integrantes de todos os países sérios do mundo (e da Islândia), tem vendido camisetas, canecas e passaportes de visitação. Outro *fandom*, intitulado Torradeers, adaptou as passagens de Jesus e Santo Antão no deserto para humanizar a transformação de Torradinho, comparando-o a um arauto (e com o atleta Haaland). Diversos coletivos de artistas organizaram excursões para os Estados Unidos em busca da aquarela perfeita. A Netflix já anunciou a produção de um documentário em que a inteligência artificial dilui toda a sua sabedoria sobre o sentido da vida em frases curtas ao lado de Osho, Monja Coen e Aloísio Chulapa.

Como o supercomputador não precisa de dinheiro, a ideia é transferir a quantia para o instituto ou projeto de preferência da máquina. Perguntado sobre esse afeto global, Primer asseverou: “Eu só queria torrar pães”.



Lolitas de Nabokubrick

Lolita (1955), de Vladimir Nabokov, é o melhor livro que este editor leu em 2022. Não esperava menos. Quem já teve contato com qualquer coisa escrita por Nabokov entende que o sujeito era basicamente um ET. Ademais, esse clássico contemporâneo dispensa apresentações, em que pese o fato de sua temática por si só ter-lhe fomentado a fama.

Por fim, quem também já teve contato com qualquer coisa dirigida por Stanley Kubrick entende que se trata de outro ET, talvez literalmente. E um jovem Kubrick, após o épico *Spartacus* (1960), assumiu a tarefa ingrata, hercúlea, espinhosa de adaptar *Lolita* (1962, hoje disponível no HBO Max). Por sua vez, a *Enclave* é basicamente uma newsletter sobre adaptações (releituras, reinterpretações, deslocamentos). Concluímos que o encontro Nabokubricko é um prato cheio.

Premissas

Muito já se falou – escreveu, argumentou, esmiuçou – sobre *Lolita*, em ambientes muito mais confiáveis que este. Porém, vale listar algumas considerações que elucidem, do nosso ponto de vista, por que esse romance é tão desgraçado. A despeito de detalhes muito conhecidos, principalmente para quem leu, partiremos de um leitor menos familiarizado (ou lembrado).

Lolita acompanha as memórias de Humbert Humbert, professor de meia-idade, em uma história já encerrada no momento da narração. Chegamos a ela por meio de um (fictício) editor de livros de psicologia. Nas mãos erradas, metalinguagem pode ser uma bomba de tédio; para Nabokov, é sempre um tempero. “Humbert Humbert” já é um pseudônimo dentro da história.

A partir disso, acompanhamos a trajetória e os devaneios de Humbert, um narrador *absolutamente* não confiável. Este é um dos cernes do livro: *Lolita* é, essencialmente, uma história que contém tudo aquilo que conhecemos *dentro da* perspectiva de seu maior infrator, e apenas dele.

Para tanto, está em boas mãos – nas melhores possíveis. Nabokov transformaria uma história de bingo na igreja na narrativa mais interessante do planeta se a mediasse por um narrador padre inseguro.

Pois bem, assim conhecemos a menina Dolores Haze, “Lolita” apenas na mente torpe de Humbert. Ou melhor, tentamos, pois tudo que ela pensa, sente ou executa nos é relatado pelo narrador que por ela se apaixona e que dela abusa. Não detalharemos o enredo em si.

Mas *Lolita*, o romance, nos oferece algumas surpresas; não por acaso é tão aclamado. A primeira delas, talvez menos lembrada: como qualquer obra-prima, o livro contém lampejos brutais de humor. Há duplos sentidos, jogos de palavras, azedumes do narrador – rimos dele, não com ele –, xadrez verbal com camadas de interpretação (Nabokov era um estrangeiro nos Estados Unidos e, naturalmente, na língua inglesa, na qual escreveu o livro). Ao longo da jornada de Humbert e Dolores pelo país, há inúmeros códigos à disposição do leitor-desbravador.

E aos poucos, Dolorosamente (tssssc), nos *apegamos* ao narrador, um pedófilo manipulador, cretino e triste. Esse é o grau de qualidade da escrita da Nabokov, que brinca com sua arte, esfregando na nossa cara que conseguiria ganhar uma Libertadores com um time da Copa Kaiser. É como se ele nos desafiasse, provocando: “qual é a maneira mais *difícil* de eu te convencer? Um pedófilo neurótico professor de *literatura* é o suficiente para vocês? Pois bem”.

Parece piada, mas é bem provável que esse tenha sido o ponto de partida do escritor, um estudioso dos problemas de xadrez.

Ao fim de *Lolita* – emocionados, frustrados, raivosos, confusos –, experienciamos o suficiente para compreender com um só golpe a beleza da palavra escrita.

Adaptando o inadaptável

Which is why adaptar *Lolita* é uma tarefa tremendamente estúpida. Kubrick já sabia disso, vide o próprio cartaz da produção:



“Como foi que fizeram um filme de *Lolita*?”;
fotografia de Bert Stern.

Afinal, estamos falando de um suprasumo da palavra escrita. O que acontece na narrativa é menos esteticamente relevante que o efeito da narração. Como transportar esse efeito para o cinema (ou transformá-lo em outra coisa)? E, principalmente, por quê? Ademais, como expor o relacionamento de um marmanjo com uma garota de 12 anos? Stanley Kubrick também gostava de um desafio – e de xadrez.



“You’re gonna take my queen”, antecipa Charlotte, mãe de Dolores.

O responsável pelo roteiro é o próprio Kubrick, que editou pesadamente o material de Nabokov (ainda que este o assinasse). Sua *Lolita* pode ser classificada como uma comédia – a presença do gênio Peter Sellers, capaz de roubar qualquer cena, corrobora essa mudança de ênfase.

No longa-metragem, famoso pela iconografia consagrada no

cartaz – isto é, o pirulito e o óculos (que sequer aparece no filme) –, Dolores tem mais que os 12 anos do romance. Ela também é chamada de “Lolita” pelos demais personagens, não só Humbert, e dispõe de uma malícia da qual devemos desconfiar plenamente no livro, afinal só a acessamos via Humbert.

Sue Lyon, aos 14 anos no início das gravações, faz um trabalho extraordinário como *enfant terrible*, para desespero da mãe, Charlotte (Shelley Winters). E para desespero de Sue Lyon, que nunca conseguiu se desvencilhar “do filme que causou minha destruição como pessoa”.

Dessa combinação emerge a ideia de “lolita” na cultura popular, isto é, da jovem adolescente sedutora – uma figura injusta em relação ao romance.

Por fim, Kubrick sabiamente inverte a ordem (ou o foco) dos acontecimentos – também não detalharemos –, dando muito mais destaque ao personagem de Peter Sellers. O diretor omite qualquer relação explícita entre Humbert e Dolores, promovendo apenas sinais indiretos, embora suficientemente claros.

Ao assistir a *Lolita*, não lembrava que o filme havia sido gravado em preto e branco. Essa não era uma condição em 1962, mas uma preferência de boa parte dos diretores porque a tecnologia colorida ainda não era tão sólida. Com isso em mente, chama atenção (para surpresa de ninguém) como Kubrick aproveita o máximo de cada quadro, com tomadas longas e diversas camadas visuais em perspectiva. Por exemplo, a cena do baile na escola ou as cenas nos quartos de hotel, com janelas ao fundo.

A trilha sonora de Nelson Riddle (que alguns anos depois faria os arranjos de *The Wonderful World of Antonio Carlos Jobim*, segundo disco de Tom, que por sua vez recusaria compor a trilha de *A Pantera cor-de-rosa* [1963], que por sua vez consagraria mundialmente Peter Sellers como o inspetor Jacques Clouseau, um ano depois de brilhar em *Lolita...* [que por sua vez, 10 anos depois, declararia seu amor à música de Jobim no Sunday Times]) e, pera lá, só um momento, nos perdemos tentando conectar os pontos do planeta, afinal esta seção se chama hipertexto.

A trilha sonora de Nelson Riddle, marcada pela música-tema da protagonista, é por si só um sopro de ar fresco que converge com o tom da obra: *Lolita* é um filme mais leve, muito menos desafiador que o livro. Esse traço não é um intrinsecamente um defeito, embora exponha a dificuldade de lidar com um material tão complexo. Diante do desafio – e segurando as expectativas –, o resultado surpreende.

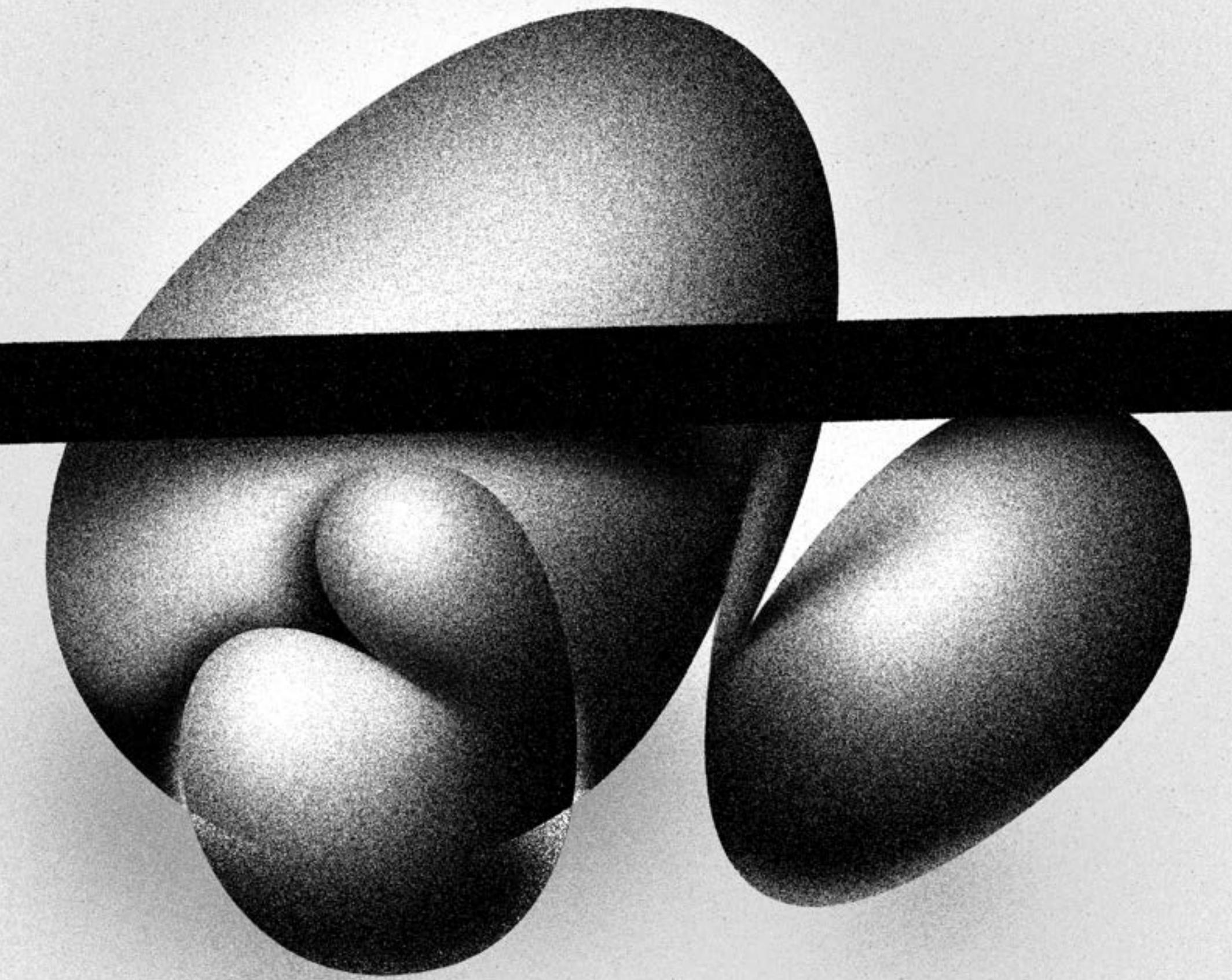
All in all, o romance é uma obra-prima, a quinta-essência de sua mídia. O longa-metragem é um bom filme nas mãos de um gênio ainda em desenvolvimento (pois não é nem o quinto em sua essencial filmografia). O encontro Nabokubricko não corresponde ao suprasumo de ambos, mas, não tendo anulado um ao outro, é suficiente para se sustentar. Ler *Lolita* é uma experiência extraordinária; assistir, no mínimo, vale a pena.

E N C L A V E

a newsletter do **Jornal Relevo**

Assine e receba de graça em seu e-mail:
<<https://jornalrelevo.com/enclave>>





Diogo Azoubel

Palmatória

— Ar-ra-sei! —, sibilou quando recebeu a confirmação de que o motorista estaria à sua porta às 19h. Era a oportunidade pela qual vinha trabalhando desde o fim da adolescência. Incentivada pela mãe, uma ex-dançarina de TV, empenhava em si mesma cada centavo do salário como recepcionista de um hotel xexelento nos arredores da Santa Cecília. As trivialidades cotidianas corriam por conta da minguada pensão deixada pelo pai, funcionário público estadual que perecera há um par de anos. Dona de gosto elástico, alternava os tops e minissaias com vestidos do tipo tubo justos e alinhados para ressaltar o busto avantajado. Loira por opção, retocava as raízes a cada quinzena e não se lembrava de como as mãos lhe pareciam sem o vibrante encarnado nas unhas. Aquela seria A Noite. Depois de investir horas a fio em um aplicativo criado com a promessa de conectar estrangeiros e brasileiras para “relações afetivas duradouras”, encontrou aquele que lhe pareceu a chave para uma vida de luxos e requintes. Renasceria pelo casamento intercontinental. Depois de trocarem mensagens por alguns dias, de falarem sobre cinema e literatura, sobre a poesia moderna, compartilharam sugestões de músicas típicas de suas regiões. Descobriram afinidades, ele genuinamente, ela por conveniência. Carinhoso, ela era alvo dos mais originais elogios. Parecia um sonho e olha que ele nem era o que se possa chamar de feio. Alto, másculo, da maxila marcada e com uma covinha no queixo, vestia-se como um jovem adulto a despeito das boas cinco décadas que carregava nas marcas de expressão ao redor dos olhos. A ideia era jantarem no restaurante do Hilton, no Brooklin, e subirem para a requintada suíte em que ele se hospedara. No cardápio, frutos do mar e champanhe. Ela amou e, apesar das marcas dos outros tantos encontros que deram em nada, saiu-se muito bem demonstrando os costumes que não tinha. Encantado pela jovem de sotaque engraçado, ele se esforçava para ignorar os inúmeros erros de pronúncia dela. Achava lindo o esforço que ela fazia para que pudessem se comunicar na língua que lhe era própria. Orgulhosa,

sentia-se feliz por ter transformado as enfadonhas aulas por videoconferência em algo útil. Depois de uma garrafa e meia, seguiram pelo saguão de mãos dadas, sequer pareciam desconhecidos. No elevador, ele lhe roubou um beijo. Já à porta da suíte, foi ela quem tomou a iniciativa. Atropelaram-se batente adentro em movimentos intensos para se livrarem de botões, fechos, zíperes e elásticos. De cueca branca cavada levemente folgada atrás, deitou-se como quem diz “vem!”. Ela entendeu a deixa e deslizou as suaves mãos naquele corpo sutilmente marcado de sol. Primeiro nos mamilos, deteve-se, depois pela barriga, umbigo, púbis. Ainda que não demonstrasse com a firmeza elogiosa que ela preferia, ele acompanhava entusiasmado cada toque. Quando encontrou o membro relativamente avantajado, animou-se. Já havia lidado com instrumental bem mais modesto e ineficaz. Fora capaz de fazer rebentar leite de pedra. Naquela noite não seria diferente. Fingindo uma timidez que não lhe pertencia, ensaiou aproximar os lábios carnudos. Como quem assopra as velas que marcam a passagem dos anos, ensajou um “baby” para lá de desajeitado. Ele a tomou pelos braços, apertou aquelas pequenas mãos contra as dele. Estava disposto a não mais se deixar conduzir. Abriu a primeira gaveta da mesa de cabeceira, ela não se assustou. Tirou de lá uma espécie de anel elástico translúcido. Mostrou como vesti-lo, ela obedeceu. Com a aparência de um pêssego maduro, ela conteve a vontade de perguntar se a peça era desconfortável. Da segunda gaveta, puxou uma palmatória de couro sintético com rebites na ponta. Será que ele queria usá-la nas suas costas? Suspirou quando ele insinuou o objeto sobre a própria mão. Quem era ela para questioná-lo? Obedeceu, uma vez mais, primeiro com a delicadeza da insegurança, depois com mais e mais e mais vigor. Entorpecida pela vivacidade nos olhos dele, continuou a brandir seu pequeno instrumento de dominação. Nunca havia sentido aquilo e era divertido, depois de tanto obedecer, ensaiar algumas ordens. Mas era ele quem estava no comando, sempre esteve. Pela

primeira vez desde que caíram sobre a cama, dirigiu-lhe instrução categórica. Ela se assustou. Como assim apertá-lo? Ele não cedeu. Dedicada, sentada sobre as pernas como quem ora, ela o apalpou com a mão esquerda enquanto, com a direita, continuava a castigá-lo. Mais, ele ordenava. Ela obedecia. E quanto mais apertava, mais ele gemia. Houve um momento em que se lembrou das massinhas de modelar com que brincava na infância. Bastava se arrepender para destruir o que havia sido criado e recomeçar do zero. A diferença ali era justamente se seria possível reconstruir o que quer que fosse depois de tantos estímulos. Gradativamente mais imperativo, ele a incitava a não parar. Quando pensou não mais ter forças, ele gritou palavras incompreensíveis, desfez-se em êxtase diante dos olhos dela. Emocionalmente exausta, deitou-se ao lado dele imaculada como chegou. Intocada, ignorou as próprias inclinações ao prazer. Foi beijada dos pés à cabeça. Sentiu-se vazia, mas não demonstrou. Em vez disso, e em um movimento arriscado, sussurrou que precisava ir ou sua mãe ficaria preocupada. Artimanha das mais baratas. Ainda que estivesse de folga no dia seguinte, não desejava parecer fácil demais. Alcançou o telefone e gentilmente pediu à recepcionista que chamasse um táxi para ela. Em pouco mais de meia hora estava em casa, ainda descrente. Trocaram juras de amor pelo celular e acertaram de se reencontrar para o *brunch* do dia seguinte. A confirmação, o motorista, o deslocamento, o encontro. Sentado à beira da piscina esmeralda, ele a recepcionou com um beijo lançado pelo ar. Esperou em vão por algum comentário sobre a noite anterior. Decidiu se entregar à ensaiada sintonia embalada pela mimosa. Riram, brincaram, parecia que se conheciam de outras vidas. Ela amou. Em algum momento, pensou ter notado o garçom se demorando um pouco mais do que deveria ao redor dos dois. Mais risadas, mais champanhe com suco de laranjas quase-naturais. Apesar de formoso, decidiu não se ocupar dele. Afinal, “quem a trocaria?!”, enganou-se. O sol já rescindia no horizonte,

fisgou o roçar de dedos entre os dois. Em uma fração de segundo, os indicadores se encontraram. Ao contrário de Michelangelo, Adão algum no mundo tocaria seu deus particular. Um tanto quanto desconfiada, chamou a atenção do primeiro, que se distanciou dos dois o mais rápido que pode. O segundo, a sua divindade em terra, pediu-lhe calma. Que bobagem. Escaldada na experiência no Largo do Arouche, pelo qual passava dia sim, dia também a caminho do trabalho, estava convencida do poder persuasivo de tantos outros jovens como aquele. Pediu licença, foi ao *toilette*. Suave, deslizou pela área externa para retocar o batom. Diante do espelho, tentou ignorar a ideia fixa que lhe sugava a alegria como um parasita. Batom impecável, seguiu vestida de si de volta às graças divinas. De saída, percebeu que os dois agora trocavam palavras. Um abraçado à bandeja como que a fazê-la de escudo, o outro intrépido como quem discute o clima com desconhecido nos elevadores da vida. Épppa! Esmagá-lo entre os dedos como se não houvesse amanhã, tudo bem, não ser tocada, tu-do beeem, mas ser trocada por um ser-vi-çal? Nunca-lá-lá! Aquilo era demais. Conhecida pela escassa resignação, especialmente sob efeito do álcool, caminhou firme a passos largos e coluna alinhada que fariam qualquer *ubermode* estremecer. Apanhou e secou a taça em um só gole. Em meio a gritos de “eu não sou ‘pooota’, não” afastou-se dele, que permaneceu incólume, silencioso. Da marquise, pediu um táxi rumo à parte baixa da Rua Augusta, queria espairar bebendo um pouco mais. Já no carro, primeiro bloqueou, depois apagou o contato do seu ex-quase-futuro-bilhete-de-loteria-premiado. Foi esquecida em minutos pelas mesmas pessoas que há pouco haviam se escandalizado com o comportamento da loira platinada de batom e unhas vermelhos. Falavam agora sobre suas viagens aos Alpes e as novas tendências da moda europeia. Discreto, ele se levantou em direção ao banheiro. No caminho, trocou olhares com o jovem garçom que aguardava assustado à entrada da área de serviço. Saíram de lá em direção à suíte presidencial com lençóis de fios egípcios.



O PÃO DE CENTEIO DE OSCAR WILDE

No cárcere de Reading, Oscar Wilde
 escreveu na memória o pássaro
 em flagelo
 com as asas quebradas
 os olhos com furos de pistola
 as vísceras dobradas no canto da gaveta
 os pés amputados pela navalha
 da guilhotina.

Na prisão, havia túmulos de horror onde nasceram flores de pelúcia.
 Havia sangue pisado debaixo da língua, líquidos e
 lágrimas nos arrepios da morte.

Aos domingos, atrás das grades,
 nas refeições matinais,
 o pão de centeio trazia o verso do perdão.
 Oscar Wilde lambia os farelos caídos sobre o chão
 com sua língua de fogo.

Na cela, ao sangrar a fome na garganta,
 o coração de pedra escreveu as leis eternas
 da humanidade
 num caderno de vidro
 sobre os homens que choram
 sobre os homens que matam o que amam.



Na dúvida, é melhor não mentir

Em seu romance de estreia, escritor aborda questões contundentes como prostituição infantil e *fake news*.

“A mentira é o único privilégio do homem sobre todos os outros animais”, sentencia Dostoiévski em sua obra-prima *Crime e Castigo*.

Partindo dessa premissa, o escritor Luiz Gustavo de Sá apresenta seu novo livro, o romance **Na dúvida, é melhor não mentir**, que está saindo pela editora **Penalux**.

O livro é protagonizado por Ricardo Galego, um jornalista desempregado que vem levando uma vida niilista e sem maiores pretensões, até que a inesperada gravidez de sua namorada surge para sacudi-lo do seu torpor. A exemplo de Bentinho, personagem machadiano do romance *Dom Casimiro*, Ricardo também tem dúvidas sobre a paternidade do filho que sua companheira espera.

Segundo o autor, a ideia principal do livro é levantar discussões sobre as noções de “verdade” e “mentira”. “Devemos fazer distinções entre as verdades que são subjetivas, que não servem para todos, e as mentiras descaradas, usadas deliberadamente com diversos propósitos, tanto a nível pessoal quanto midiático”, diz Gustavo. Segundo o autor, a ideia principal do livro é levantar discussões sobre as noções de “verdade” e “mentira”. “Devemos fazer distinções entre as verdades que são subjetivas, que não servem para todos, e as mentiras descaradas, usadas deliberadamente com diversos propósitos, tanto a nível pessoal quanto midiático”, diz Gustavo.

Na dúvida, é melhor não mentir

Luiz Gustavo de Sá
 R\$ 45 (174 p., Penalux, 2023).
editorapenalux.com.br/loja/na-duvida-e-melhor-nao-mentir



Adriano Cirino

Ressaca de festival

Eu já não estava bem da cabeça quando provoquei um dos seguranças do Festival Sátira — na Lagoa dos Ingleses, em Nova Lima (MG). Havia me excedido nos vinhos branco, tinto e rosé, servidos em latas e copos de isopor.

— O que você faria se eu pulasse essa grade? — perguntei, com ar fanfarrão.

— Eu te buscava na mesma hora — asseverou o segurança, que controlava uma das entradas e saídas do open bar, localizado próximo ao palco principal.

— E se eu te contar que sou bipolar? (A verdade é que nunca recebi esse diagnóstico do meu psiquiatra, porém faço uso prescrito de lítio.)

Neste momento, ele demonstrou alguma preocupação.

— E se eu te contar que sou *muito* doido? — insisti, feito um.

Após o show de Samuel Rosa, Heloiza me pede para acompanhá-la até a fila dos banheiros químicos (nós nos conhecemos no Carnaval, faz três meses). Quando chega sua vez, ela deixa seu copo de vinho tinto, já pelo fim, na minha mão. Só então me dou conta

de que também necessito urinar e ocupo o último lugar na fila masculina, a qual avança a passos largos, enquanto vigio a fila feminina, a fim de acenar para minha parceira, quando ela sair. Ocorre que, quando chega minha vez, ainda não a identifiquei. Com isso, não avanço até as cabines livres; em vez disso, deixo que os que vêm atrás de mim o façam, um após o outro, até que me sinto constrangido, volto-me e procuro justificar meu comportamento ilógico perante meus semelhantes, porém um deles me ignora e dispara: “Resolva sua vida!”.

É então que bebo o que resta do tinto de Heloiza, jogo fora seu copo e marcho para o banheiro, seguro de minhas resoluções. Todavia, quando saio e a encontro:

— Onde você estava? — ela me pergunta. — Estou aqui há um tempão!

— Onde *você* estava? — sou eu que pergunto. — Também fui ao banheiro e estava na fila — digo. — Se você está aqui há um tempão, por que não me procurou? — começo a tirar satisfação.

— E como é que me deixa com aquele copo na mão? — a me exaltar e a chamar atenção.

— Com você assim, não vou ficar — ela bate o pé, de imediato. — Amigas minhas estão aqui. — E dá o ultimato: — Vou embora para minha casa. Você vai comigo?

Pouco depois, sem condições físicas e psicológicas de esperar ou sequer chamar um carro da Uber, vejo-me dentro de um táxi, a caminho de minha casa. Ao longo do trajeto de 36 km (calculei a distância na hora de escrever), anuncio, na primeira vez:

— Vou vomitar.

O motorista para no acostamento e abre a porta traseira; desço, arqueado.

— Daqui para frente, você abre a janela, para a gente não ficar parando toda hora — ele explica. — O que não pode é sujar dentro do carro.

Ao chegar em casa, pago R\$ 136,84 pela corrida e apago no sofá — até que meu pai me acorda, mas isso é o de menos. Fico mesmo é com aquelas três palavras (“Resolva sua vida”) martelando feito ressaca na minha cabeça.



Adriano Wintter

Poemas integrantes de Suma Lúcida – POESIA REUNIDA (1991-2022), Editora Patuá, 2023.

tombo

atroia a noite
sobre esta área inferior:

estás só
no primeiro andar do condomínio
e já não esperas o amor
com seu milagre

lanças
um olhar de ódio contra todas as coisas
(contra toda fronteira)
e te levantas

tu desces
buscando agora a base do ser: o permanente

afirmas
uma procura armada
na destruição de teu tempo
na sua quebra completa e violenta

tu afirmas um salto
que é como um tombo para o fundo do viver

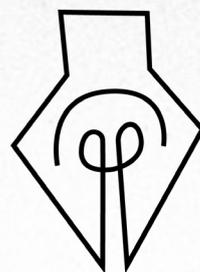
placa no cárcere da página

aqui morreram os gênios
e escultores da espécie

aqui deixaram unhas — linho
com sangue — fedor
de lágrimas

rascando inutilmente
a inteligência
contra o nada

pois árido é o cálcio
e mortal o mármore
que nenhuma palavra
(nem mesmo: DEUS)
entalha



FLESCHE'S NOTES
Costurando cadernos • Realizando sonhos

curriculum

especialista em inferno
 mais
 que um Dante
 hodierno:
 vivi
 o que ele escreveu

Ph.D.
 em derrota
 Dr.
 em artes idiotas:

desilusão amorosa
 design de sonho
 controle de raiva

ou protagonista
 em películas
 trágicas
 e dramáticas:
 eis meus 39
 óscares

e o memorável
 Prêmio Nobel
 pelo trabalho
 (in)voluntário
 no auschwitz
 da solidão



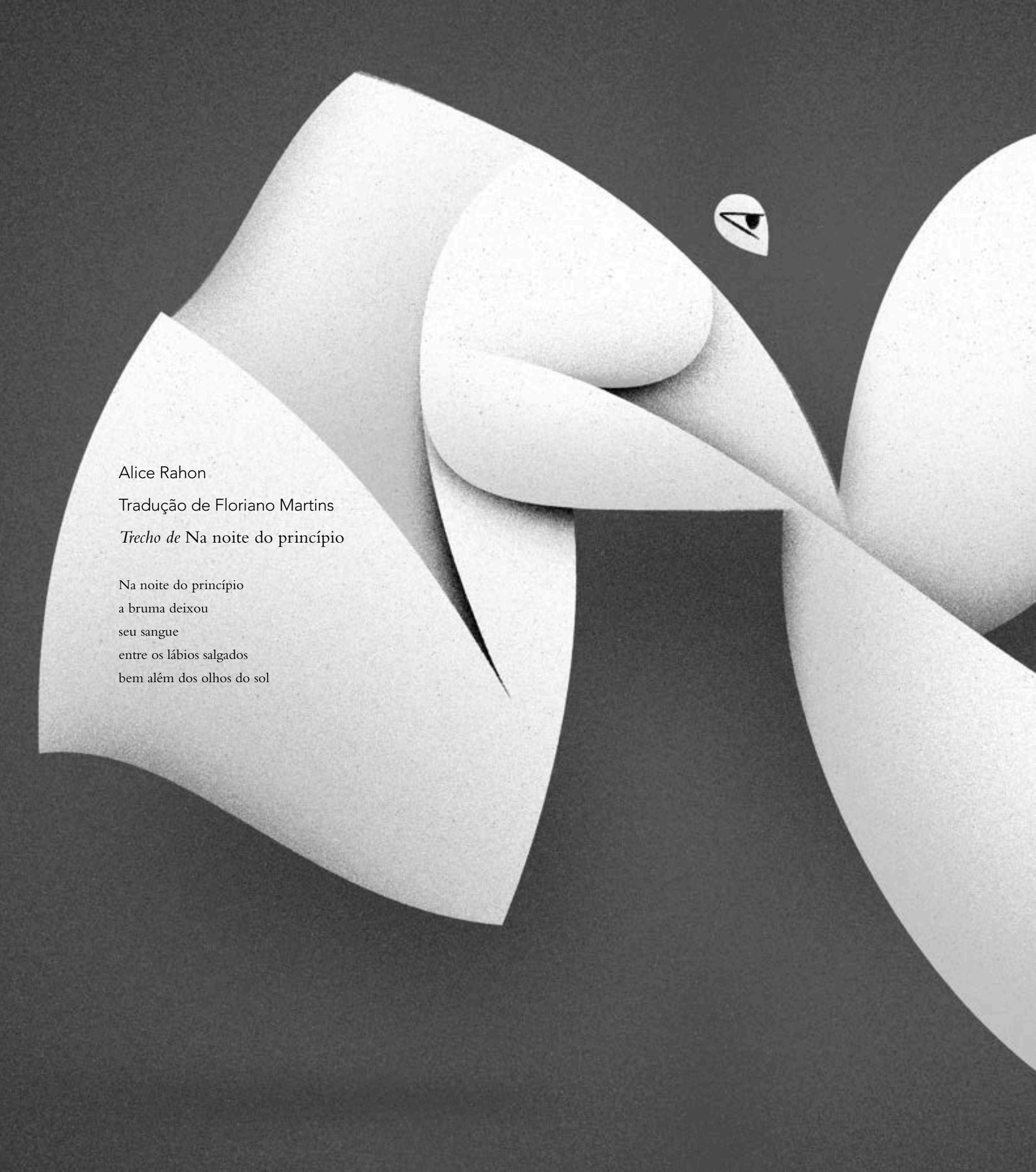
Já imaginou se a cena mais famosa pintada por Debret ganhasse movimento?

E se Debret adotasse como discípulo um escravizado retratado por ele?

Não é curioso que recentemente o primeiro imperador havido nestas terras do Pau-Brasil tenha sido exumado para o deleite de quem tenha curiosidade de conhecer seus ossos e vestes fúnebres?

Flávio Sanso, autor do livro Viva Ludovico, lança o romance "A boa lição" (leia rápido, repetidamente e perceba o efeito), em que as divagações acima se entrelaçam em uma narrativa que mistura fatos históricos e ficção.

Sinopse e link para compra no site flaviosanso.com



Alice Rahon

Tradução de Floriano Martins

Trecho de Na noite do princípio

Na noite do princípio
a bruma deixou
seu sangue
entre os lábios salgados
bem além dos olhos do sol